

O COTIDIANO DAS MULHERES DE MARUIM: RETRATADO NOS RELATOS DE CARTAS DE ADOLPHINE SCHRAMM

Rosana de Menezes santos ¹

História



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo visa analisar o cotidiano de mulheres residentes na cidade de Maruim entre os anos de 1858 a 1863, buscando contribuir para as discussões no campo do gênero. A mulher ao longo da história é vista como um personagem submisso que juntamente com os filhos era considerado um objeto. Relatar o papel da mulher na sociedade oitocentista numa sociedade machista em que os valores são estipulados e ditados como regras, descrever a sociedade de Maruim no século XIX, analisando o processo histórico na História Social e da Mulher considerada como menor importância no entendimento da natureza das sociedades, usando como suporte de pesquisa as correspondências de Adolphine Schramm a representação do papel no qual está inserida, buscaremos descrever o seu dia a dia e como as famílias diferentes tratavam as mulheres. Assim, estudar a historiografia voltada para a questão de gênero vem suscitar qual o real papel dessas mulheres, outro fator importante na pesquisa é a caracterização dos tipos de famílias existentes no século XIX. O referencial teórico está fundamentado no livro Cartas de Maruim traduzido por José Edgar da Mota Freitas. O conceito de família está pautado nos estudos realizados por Eni de Mesquita Samara que trata da temática no período imperial, na qual a autora apresenta uma estrutura genérica de família além da predominância de mulheres como chefe de família, desconstruindo o papel da mulher descrito por Mary Del Priore que afirma que a mulher não possuía nenhuma autoridade e que a função da mulher era obedecer ao chefe de família. Michel de Certeau trata sobre o cotidiano da sociedade maruinense e Bourdieu que aborda o poder simbólico, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Poder que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido como arbitrário. A metodologia que melhor se adequa ao objeto de estudo é a bibliográfica e foi elaborada a partir de leituras de textos que abarcam o assunto e da análise minuciosa das fontes, os conceitos fundamentados ao longo do texto serão imprescindíveis para a compreensão do que foi proposto.

PALAVRAS-CHAVE

Cotidiano. Gênero. Mulheres. Sergipe.

ABSTRACT

This article aims to analyze the daily lives of women living in the city of Maruim between the years 1858-1863, in order to contribute to discussions on gender issues. The woman throughout history is seen as a submissive character along with the children was considered an object. Report the role of women in nineteenth-century society in a male-dominated society where values are set and sayings like rules, describe the Maruim of society in the nineteenth century by analyzing the historical process in Social History and Women considered less important in understanding the nature of societies using as research support the comparability of Adolphine Schramm representing the paper on which it operates, seek describe your day-to-day and how different families treated women. So study the historiography focused on the issue of gender comes raise which the true role of women, another important factor in the research is the characterization of the types of families in the nineteenth century. The theoretical framework is based on the Maruim Letters book translated by José Edgar da Mota Freitas. The concept of family is guided in studies conducted by Eni Mosque Samara which deals with the subject in the imperial period, in which the author presents a generic framework of family beyond the predominance of women as head of household, deconstructing the role of women described by Mary del Priore which states that the woman has no authority and that women's role was to obey the householder. Michel de Certeau is about the daily life of maruim and Bourdieu society that addresses the symbolic power, which can be exercised only with the complicity of those who do not want to know that you are subject or which is exercised. Power giving the equivalent of what is obtained by force (physical or economic), only operates if it is recognized as arbitrary. The methodology that best suits the object of study is the literature and was drawn from readings of texts covering the subject and thorough analysis of the sources, concepts grounded in the text will be invaluable in understanding of what was proposed.

KEYWORDS

Everyday. Genre. Women. Sergipe.

1 INTRODUÇÃO

O século XIX, em Sergipe, representou para a província a transição da sociedade pautada em novas expectativas na economia, na educação e no papel em que a mulher como qualquer outro indivíduo desse período estava inserida. A mulher é

representada na historiografia como a detentora do lar e sempre caracterizada como submissa no papel que lhe foi imposto. Retratar e falar sobre o cotidiano se faz laborioso, saber como esses indivíduos viviam e agiam, como a mulher era tratada, e como esse cotidiano era descrito por alguém atípico da região? Adolphine Schramm, retratou esse cotidiano, escrevendo a cada dois meses carta endereçadas a parentes seus residentes na Alemanha, relatando acontecimentos de seu dia a dia.

Por meio de pesquisa desconstruiremos essa visão imposta e desfigurada na qual a mulher está inserida na história do gênero. Este artigo tem o objetivo de analisar o cotidiano de mulheres da cidade de Maruim no período que consente entre os anos de 1858 a 1863, buscando contribuir para as discussões no campo do gênero.

A preocupação dos estudos sobre gênero se desvencilhou do determinismo biológico, diferenciando sexo de gênero, ao oferecer um viés social para esse. [...] As diferenças e desigualdades entre homens e mulheres seriam discutidas sobre o aporte teórico sociocultural e não mais biologicamente. (SANTOS, 2013, p. 3).

A mulher ao longo da história é vista como um personagem submisso que juntamente com os filhos são considerados um objeto, deste modo, “a mulher é depositária de todo poder do macho, do patriarca, da família tradicional, da Igreja, da ciência e da moral” (VILELA, 2014, p. 2). Relatar o papel da mulher na sociedade oitocentista numa sociedade machista em que os valores são estipulados e ditados como regras, descrever a sociedade de Maruim no século XIX traz uma nova visão do papel ao qual foi imposto.

Justifica-se a escolha do tema por ser de relevância e uma discussão bastante debatida ao longo do século XIX para o estudo dos gêneros em Sergipe. Ao analisarmos o processo histórico na História Social e da Mulher considerada como menor importância no entendimento da natureza das sociedades, usando como suporte de pesquisa as correspondências de Adolphine Schramm como representação do papel feminino, buscaremos descrever o dia a dia de uma sociedade baseada na economia agrária e escravista.

Assim estudar a historiografia voltada para a questão de gênero vem suscitar qual o real papel dessas mulheres, outro fator importante na pesquisa é a caracterização dos tipos de famílias existentes no século XIX e como as famílias diferentes tratavam as mulheres.

Estudar a sociedade de Maruim a partir da ótica do cotidiano representa a diversidade de atuações que as mulheres forjaram ao longo do século XIX. A mulher como agente construtora de sua própria história está inserida “no seio de relações

das quais imergem situações de conflito e adequação que resultam na transformação do tempo e do espaço” (RODRIGUES, 2005, p. 1).

José Edgar da Mota Freitas em *Cartas de Maruim* eixo principal para a pesquisa, representa o dia a dia descrito por uma mulher estrangeira e atípica dos costumes dos outros cidadãos. O conceito de família está pautado nos estudos realizados por Eni de Mesquita Samara que trata da temática no período imperial, na qual a autora apresenta uma estrutura genérica de família e a predominância de mulheres como chefe de família, Bourdieu aborda o poder simbólico, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, ignorado como arbitrário.

Outro autor que menciona pesquisa sobre a mulher é Mary del Priore, desconstruindo o papel da mulher, ao afirmar que a mulher não possuía nenhuma autoridade e que sua função era obedecer ao chefe de família.

A metodologia que melhor se adequa ao nosso objeto de estudo é a bibliográfica; que foi elaborada a partir de leituras de textos que abarcam o assunto e da análise minuciosa das fontes, os conceitos fundamentados ao longo do texto serão imprescindíveis para a compreensão do que foi proposto.

2 ECONOMIA EM SERGIPE

A formação econômica de Sergipe está caracterizada “por relações mercantis estabelecidas entre a metrópole e colônia, cujo objetivo principal era fornecer matérias-primas e produtos tropicais ao mercado europeu” (PRADO JUNIOR, 1986 Apud FEITOSA, 2013, p. 6). Assim, a colônia tinha a importância de fornecer de modo acumulativo o capital para a metrópole. As transformações ocorridas na economia sergipana durante o século XIX, em decorrência da independência e da autônima nacional apresentam um novo comportamento da economia.

A economia sergipana “em meados do século XIX se estruturou sob a forma de um complexo econômico mercantil escravista” (PASSOS SOBRINHO, 1983, p. 6). É neste cenário que a economia de Sergipe no século XIX representou a transição da sociedade com novas expectativas no setor econômico influenciado pelo capitalismo. A economia passa por um processo de transição, com a proibição do tráfico negreiro desponta uma nova fase de desenvolvimento, devido às dificuldades a economia sergipana na estrutura produtiva, leva aos poucos o surgimento das atividades industriais. “Apesar da região Nordeste ter sido a principal área econômica durante todo Brasil Colonial e parte do século XIX” (SILVA, 2009, p. 71).

No século XIX a região do Cotinguiba há um crescente na produção de cana-de-açúcar, os engenhos dessa região são os maiores produtores de cana, o favorecimento das condições naturais do solo constituído da mistura de argila, calcário, húmus e sais minerais formavam o massapê favorável e propício para cultura da cana.

Como afirma Almeida (1976, p. 485) “a extraordinária adequação do solo para o florescimento da cana nas zonas dos cursos fluviais, possibilitou uma significativa produção de açúcar em Sergipe”. A região do Cotinguiba² se tornou o maior depósito açucareiro da Capitania de Sergipe, a que mais se destacava entre as que dedicavam ao cultivo da cana-de-açúcar.

Os volumes escassos de recursos financeiros por parte dos proprietários sergipanos os levaram a estreitar laços de vínculos econômicos com o comércio baiano, proporcionando a expansão açucareira em Sergipe. “O desenvolvimento da cultura canavieira em Sergipe levaria ao estabelecimento de casas comerciais na própria Província, principalmente na cidade de Maruim” (PASSOS SOBRINHO, 1983, p. 22).

Entrepasto em grande quantidade de açúcar, Maruim surgiu às margens do rio Ganhamoroba. Com o entreposto, inúmeras casas de comércio da província surgiram na cidade de Maruim, a partir de então passa a se destacar como grande centro urbano, comercial, político e social. Por ser uma cidade portuária conseguiu se destacar pelo papel “na malha de comunicação propiciada pela rede fluvial que a serve” (AZEVEDO, 2011, p. 5).

Maruim fora descrita como

[...] uma vila cosmopolita, sede dos vice-consulados de Hamburgo e da Suécia e Noruega, possuindo uma “sociedade de estrangeiros”, rica, composta de alemães, ingleses, franceses, italiano, espanhóis e portugueses e era a “Rainha dos Canaviais”, servida por um rio que servia dos seus engenhos e aos municípios vizinhos aos dos Vale de Japarutuba e São Francisco. (PASSOS SOBRINHO, 1983, p. 22).

3 VIDA FAMILIAR DAS MULHERES

A historiografia ligada à micro-história tem a função de valorizar a trajetória, caminhos percorridos por indivíduos que deixaram com as áreas do tempo, vestígios para

2 O Vale do Cotinguiba era constituído por cidades importantes como Nossa Senhora do Socorro e Laranjeiras, região de grande fertilidade e durante todo o século XIX mantiveram-se com centros importantes da Província de Sergipe (ALMEIDA, 1976).

contar e falar sobre si. O cotidiano das mulheres em determinado momento ou época são produtos, antes mais nada de uma rede de relações que no século XIX integravam a sociedade da Vila de Maruim.

O cenário do Brasil oitocentista foi marcado por intensas transformações, dentre as mais significativas está a independência política da nação brasileira, datada de 1822, a Lei de Terras (1850) regulamentando o acesso a terra e o declínio da sociedade escravista em consequência das pressões internacionais.

Falar sobre o cotidiano das mulheres é voltar-se para a história da família, que trabalham, lutaram, estabeleceram sociabilidade e se transformaram. Compreender o sistema familiar é voltar-se para a história do gênero, afinal família e gênero estão voltados para a formação do indivíduo na sociedade. A “família sempre foi pensada com uma instituição fundamental para o pleno desenvolvimento da sociedade” (SILVA, 2009, p. 69). Segundo Silva (2011, p. 1),

os novos estudos históricos sobre a família renasceram a influência da chamada Escola dos Annales [...] preocupada com o modo de pensar, de viver e de sentir das massas anônimas” é nesse contexto que as histórias dessas mulheres podem ser contadas desde a sua infância, portanto buscaremos evidenciar apenas a fase adulta e o convívio familiar. Descrita como a “célula mater, [...] mediadora entre o indivíduo e a sociedade, sempre vista em torno do espectro do sagrado, onde os poucos conflitos vivenciados entre os entes poderiam ser vencidos fraternalmente, [a família é conceituada de acordo com a sociedade em que está inserida].

Para Raffaella Sarti (2001, p. 67), o conceito de *família* derivado do latim não corresponde exatamente ao que entendemos hoje, tinha muitas vezes um significado diferente. “No século XV família é composta por filhos, mulher e os outros criados, família e servos”. E afirma que Família é “uma reunião de companhias de pessoas, sob o mesmo tecto naturalmente unidas, para o uso e comodidade recíproca, nas obras necessárias e quotidianas”.

A autoridade imposta é refletida “na visão da família baseada na autoridade paterna, na submissão feminina e nos estabelecimentos de laços de solidariedade e dependência entre os parentes” (SILVA, 2009, p. 69). Outra forma de situar a mulher como agente histórico era o casamento que “apresentou-se para muitos como um contrato mútuo entre homem e uma mulher, que visava os interesses particulares dos agentes envolvidos” (SILVA, 2009, p. 3), já Samara (1996, p. 7) diz que “a família desempenha um papel fundamental, por meio dela é possível compreender todo o processo histórico e as transformações que ocorreram na sociedade brasileira”.

A questão do Gênero no século XIX possui características de uma situação histórico-cultural e política, gênero é a construção social, essa relação pode ser estudada da identidade feminina ou masculina, sua análise pode se limitar a descrever a relação existente entre homens e mulheres. Utilizada a partir dos anos de 1980 do século XX, por feministas americanas e inglesas para explicar a desigualdade existente entre homens e mulheres, concretizado na discriminação e opressão sofrida pelas mulheres.

Segundo Scott (1995, p. 3) a palavra *gênero* “ênfatiza o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” e justifica que “o termo gênero ênfaticava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade”. Santos e Bruns (2000, p. 22) dizem que: “O processo da constituição de *gênero* não é, de forma alguma, natural: o indivíduo só vai se tornando homem e mulher, valendo-se de suas relações interpessoais, o que é um processo histórico-social”.

A desigualdade entre ambos os sexos é apontada nas condições vivenciadas pelas mulheres, se estendia e extrapolava ao ambiente familiar, tendendo a aumentar de acordo com a classe, etnia e condições de vida. De acordo com Priore (2013, p. 3) “a forma como as culturas se organizaram, a diferença entre masculino e feminino sempre foi hierarquizada, sobretudo depois de concebido o sagrado matrimônio”. E Kuznesof (1988,1989, p. 44) endossa que “a rede familiar [...] era uma instituição vertical – no sentido antropológico. [...] era uma instituição baseada no parentesco, lealdade pessoais e territorialidade”.

A desigualdade era justificada por setores conservadores da sociedade: religiosos, científicos e políticos, pela diferença biológica entre homens e mulheres. O gênero analisado do ponto de vista científico das Ciências Sociais questiona a essência da diferença entre os sexos.

Na visão de Matos (2006, p. 288),

[...] a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre homens e mulheres [portanto,] essas relações são um elemento constituídos das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.

4 A MULHER E O COTIDIANO

Falar do cotidiano da mulher maruinense é reportar-se ao sentido ou conceito de família existente no século XIX no qual Sarti (2001, p. 65) afirma que família é “todo aquele que dependiam do mesmo país de família (*faterfamilias*) fossem eles servos, filhos ou outros, por outro lado todo aquele que descendiam de um único fundador”.

Em seu cotidiano, as mulheres, ou melhor, algumas delas sofriam com os tratamentos recebidos por seus cônjuges: palmadas, socos e escárnios. O cotidiano girava em torno de sua intimidade na qual em seu dia a dia os interesses econômicos eram a chave mestra. A vida em família seguia alguns fatos.

Era na intimidade do lar que sucediam o uso dos castigos, adultérios cometidos pelo cônjuge, ameaças e fugas faziam parte de sua rotina, porém nem todas as mulheres ou esposas eram submissas. As mais submissas sofriam com “os danos da alma [essas mulheres] utiliza[vam] o pretexto do adultério público” (SILVA, 2011, p. 6) para romper com os sofrimentos durante a vida de casada.

As mulheres almejavam e esperavam inaugurar “uma nova etapa de sua vida, regada por respeito, carinho e ostentação material [...], porém inúmeros casos conheciam uma vida sortida de sevícias, injúrias, traições e humilhações” (SILVA, 2011, p. 9). Aos homens eram dados o direito de praticar o adultério, porém se “nesta sociedade, cunhada em valores patriarcais, o adultério masculino, se cometido com fins de satisfazer os interesses pessoais era tolerado” (BRUGGER, 1995, p. 103 Apud SILVA, 2011, p. 7)

O cotidiano descrito nas cartas de Adolphine Schram relata uma realidade antes não vista na historiografia, o seu contato com terras brasileiras, a senhora Schramm se mostra deslumbrada com a cidade de Salvador em carta enviada à mãe, ao dizer “para mim é impossível repassa-lhe a impressão que a natureza nos trópicos me transmitia. É fantástico ver por mim mesma o que antes me descrevera”. Reforçando os primeiros deslumbres de Adolphine, Mafra (2010, p. 230) ao afirmar que “em toda sociedade, existe uma vida cotidiana e todo ser humano, independente de sua posição na divisão social [...] possui uma cotidianidade” e esta é descrita nas suas primeiras impressões.

As primeiras impressões marcaram a jovem Adolphine a natureza de Sergipe e Maruim é vista como uma pobre atração natural, reforçada após o duro percurso da Bahia até chegar ao seu destino, ao avistar áreas desmatadas, vendo apenas campo aberto utilizados para o cultivo da cana, que reforçam as diferenças entre a terra natal e o seu novo habitat, portanto, “numa sociedade estratificada o ser humano, ao nascer, encontra-se limitado a sua relação com a totalidade” (MAFRA, 2010, p. 230) a vida cotidiana repleta de privilégios em sua cotidianidade está pautada no lugar onde a sociedade adquire uma existência concreta, o enfoque do cotidiano das mulheres.

O cotidiano não se reduz a esfera da vida do indivíduo, o mundo cotidiano é, portanto dialeticamente, o lugar da dominação ao privilegiar a vida cotidiana “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico” (HELLER, 2008, p. 34).

O mundo cotidiano abriga uma produção ilimitada de racionalidades, constituindo-se por uma heterogeneidade criadora propõe que o cotidiano apresenta dualidades temporais complementares: o repetitivo e o transformador, o duradouro e o

instantâneo, o banal e o excepcional. Não se reduz, portanto, a apenas uma esfera da vida, pois compreende “a tensão entre a ordem e o movimento, entre a estrutura e a ação” (GUARINELLO, 2004, p. 25-26).

Michel de Certeau (1998) alega que, a partir da análise da vida cotidiana, é possível perceber e interpretar os movimentos de resistência ante as forças hegemônicas de reprodução e de controle social. Os meios de inventar o cotidiano ao escapar dos modelos de consumo impostos, subvertendo as representações (e construindo micro-história) a partir de dentro do discurso dominante.

Em carta escrita para sua cunhada em 26 de março de 1860 é notório que a única preocupação de Adolphine era com a distribuição dos cômodos, por pertencer à elite, reforçando a análise de Priore (2013, p. 8) “a mulher, cabia-lhe ensinar aos filhos: rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar de missas e festas religiosas”, tal prática na figura em que “a lógica da dominação, exercida e nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado” (BOURDIEU, 2002, p. 3).

Portanto, vale ressaltar que “a vida cotidiana, portanto possui uma história própria que não se antagoniza com a totalidade, ela é na verdade um fermento secreto da história” (MAFRA, 2010, p. 2320)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou o cotidiano das mulheres durante os anos de 1858 a 1863 período no qual as cartas foram escritas por Adolphine Schramm e, portanto essas correspondências retratam em seu conteúdo como as mulheres abastardas ou pertencente a uma classe econômica privilegiada vivia. A condição de inferioridade que a mulher estava inserida imposta por uma sociedade patriarcal, na qual era vista como um indivíduo que emana doçura e amor inato da figura feminina.

As economias sergipanas e maruinense determinaram as redes de relações sociais na região do Vale do Cotinguiba na segunda metade do século XIX, essas alterações sofridas pelas famílias no contexto que estavam inseridas representaram os vários tipos desta instituição tão consagrada na formação da sociedade brasileira. Novos conceitos de família surgiram sob influência da Escola dos Annales.

A família centrada na figura da paterna em que todos dependem dele, as pesquisas na área da História das Mulheres e que a família é um do viés, pois é a partir dela que é possível entender toda dinâmica a que se está envolvida.

A mulher via no casamento a oportunidade para uma nova vida regada por respeito, carinho e ostentação material. Os papéis distintos entre os homens e mulheres

eram bem determinados, aos homens o direito de praticar o adultério, fato corriqueiro e natural tolerado na sociedade, demonstrando assim a sociedade machista. Os maus tratos sofridos por estas senhoras como forma repressora e subjugação fizeram parte do seu cotidiano no qual elas trabalham, lutaram, estabeleceram sociabilidade e se transformaram. As mulheres sofriam violência doméstica de seus cônjuges como: socos, cívicas e escárnios.

As cartas de Maruim, descreve o dia a dia de uma elite com dados consistentes como prova documental consistente referente a cidade de Maruim antes não vistas. Uma das principais cidades de Sergipe a partir da segunda metade do século XIX, por possui vários consulados, fato inédito por considerar que a importância comercial da cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Notas prévias sobre a propriedade canavieira em Sergipe (século XIX). Anais do VII Simpósio Nacional dos professores universitários de História. In:

PAULA, Eurípedes Simões de (Org.). **A propriedade rural**. Coleção Revista de História. V.II. São Paulo, 1976.

AZEVEDO, Dênio Santos. Navegando pelo cotinguiba: representações de Maruim no século XIX a partir dos relatos de viajantes. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. ANPUHSP, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kiehner. 2.ed. São Paulo: Berthand Brasil, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FEITOSA, Cid Olival. **Economia sergipana: origem e desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2013/1244/index.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

FREITAS, José Edgar da Mota. **Cartas de maruim**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/NUCA, 1991.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, n.48, 2004. p.13-38.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KUZNESOF, Elizabeth Anne. A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo 1700 – 1980). **Revista Brasileira de História**. ANPUH – São Paulo. v.9, n.17, set. 88/89. p.37- 63.

MAFRA, Jason Ferreira. O cotidiano e as necessidades da vida individual: uma aproximação da antropologia de Agnes Heller. **Rev. Educação e Linguagem**, v.13, n.21, jan/jun. 2010, p.226-244.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: uso e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira et al. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação. UNESCO, 2006.

PASSOS SOBRINHO, Josué Modesto dos. **História da econômica de Sergipe**: (1850 – 1930). 1983. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1983.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulheres**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2013.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2011.

RODRIGUES, Vilmaria Lucia. Negras senhoras: o universo material das mulheres africanas forras. **Anais do I Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social – LAHES**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a69.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2014.

SAMARA, Eni de Mesquita. Família e vida doméstica do engenho aos cafezais. **Estudos CEDHAL** – Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n.1, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1996.

SANTOS, Maria José Lima dos. O olhar sobre conceitos de gênero de duas educadoras do ensino fundamental. **Anais do VI ENFOPE**. Disponível em: < http://midia.unit.br/enfope/2013/GT6/O_OLHAR_CONCEITO_GENERO_DUAS_EDUCADORAS_ENSINO_FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso: 01 out. 2014.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A educação sexual pede espaço**: novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: OMEGEI, 2000.

SARTI, Raffaella. **Casa e família**: habitar, comer e vestir na Europa moderna. Trad. Isabel Tereza Santos. Lisboa: Estampa, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Rev. Tomaz Tadeu da Silva. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, Porto Alegre, jul/dez. , 1995. p.71-99

SILVA, Sheyla Faria. Histórias de famílias na Estancia/SE oitocentista (1840-1890). **Revista do IHGSE**, n.40, 2009.

SILVA, Sheyla Faria. Notas sobre divórcios em Sergipe oitocentista. **Anais do XXVI – Simpósio nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011.

VILELA, Ieda Maria Leal. **Aspectos da educação feminina em Sergipe no século XIX**: um estudo sob a perspectiva histórico-cultural. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/168.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

Data do recebimento: 3 de Janeiro de 2015

Data da avaliação: 3 de Janeiro de 2015

Data de aceite: 12 de Janeiro de 2015

1 Graduada pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: rosana98765@gmail.com